

TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

ORIENTAÇÕES PARA AS ESCOLAS ESTADUAIS DE ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO DE SÃO PAULO

REALIZAÇÃO:

unesp
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO"

CAADI
COORDENADORIA DE AÇÕES AFIRMATIVAS, DIVERSIDADE E EQUIDADE

LaTeDIP
Laboratório de Tecnologias para o Desenvolvimento e Inclusão de Pessoas

APOIO:

SÃO PAULO
GOVERNO DO ESTADO
Secretaria da Educação
Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência

TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

ORIENTAÇÕES PARA AS ESCOLAS ESTADUAIS DE ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO DE SÃO PAULO

AUTORAS:

Vera Lucia Messias Fialho Capellini
Priscila Vandrea Camargo Duarte
Amanda Pereira Dippólito

REVISÃO DO TEXTO:

Eduardo Pimentel da Rocha

PROJETO GRÁFICO:

Bárbara Cristina Domingues Prado

APOIO E REALIZAÇÃO:

Coordenadoria de Ações Afirmativas, Diversidade e Equidade. Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência e Secretaria da Educação - Governo do Estado de São Paulo.

Os autores integram o Grupo de pesquisa “A inclusão da pessoa com deficiência ou superdotação e os contextos de aprendizagem e desenvolvimento” do Laboratório de Tecnologias para o Desenvolvimento e Inclusão de Pessoas (LATEDIP), vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem, da Faculdade de Ciências da Unesp – Bauru. https://www.fc.unesp.br/#!/latedip.

REALIZAÇÃO:

unesp UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO"

CAADI COORDENADORIA DE AÇÕES AFIRMATIVAS, DIVERSIDADE E EQUIDADE

LaTeDIP Laboratório de Tecnologias para o Desenvolvimento e Inclusão de Pessoas

APOIO:

SÃO PAULO GOVERNO DO ESTADO Secretaria da Educação

Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência

Capellini, Vera Lúcia Messias Fialho.

Transtorno do Espectro Autista (TEA) : orientações para as Escolas Estaduais de Ensino Fundamental e Médio de São Paulo / Vera Lúcia Messias Fialho Capellini, Priscila Vandrea Camargo Duarte, Amanda Pereira Dippólito. - São Paulo: Unesp, 2024
57 p.

ISBN 978-65-86498-38-7

Inclui bibliografia

1. Educação especial. 2. Educação inclusiva. 3. Diversidade. 4. Transtorno do Espectro Autista. I. Duarte, Priscila Vandrea Camargo. II. Dippólito, Amanda Pereira. III. Título.

CDD 371.9

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca da Unesp Bauru
Minervina Teixeira Lopes CRB-8/8692

SUMÁRIO

Primeiras palavras 6

Sobre as orientações 10

Introdução 12

O QUE É TEA? 14

POSSÍVEIS BARREIRAS VIVENCIADAS PELA PESSOA COM TEA NO CONTEXTO ESCOLAR 17

POTENCIALIDADES DO ESTUDANTE COM TEA 20

MITOS, ESTEREÓTIPOS, PRECONCEITOS SOBRE O TEA 23

ESTUDANTE COM TEA NO AMBIENTE ESCOLAR 29

ESTRATÉGIAS E ORIENTAÇÕES AOS PROFESSORES E GESTORES EDUCACIONAIS 33

COMO O ESTUDANTE COM TEA PODE SE ORIENTAR NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM 36

ESTRATÉGIAS E ORIENTAÇÕES AOS COLEGAS DE CLASSE E PESSOAS DO CONVÍVIO 38

QUEM PROCURAR QUANDO PRECISAR DE AJUDA NA ESCOLA 41

INGRESSO NO ENSINO SUPERIOR E MUNDO DO TRABALHO 43

LEGISLAÇÕES NACIONAIS E DO ESTADO DE SÃO PAULO SOBRE TEA NO ÂMBITO NACIONAL 48

OUTRAS INFORMAÇÕES E CURIOSIDADES 51

CONSIDERAÇÕES FINAIS 55

ENDEREÇOS DE PÁGINAS SOBRE O TEMA 57

Referências 58

PRIMEIRAS PALAVRAS

“Diversidade é convidar para a festa, inclusão é chamar para dançar!”
(Vernã Meyers)

Olá, educadores, pais, estudantes e comunidade em geral. Desejamos que a leitura deste documento inspire vocês na construção de políticas, práticas e culturas mais inclusivas! Não é fácil, mas é possível e necessário!

As orientações presentes neste documento estão voltadas para o Ensino Fundamental e Médio e tem por objetivo desmistificar conceitos equivocados sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA), frequentemente utilizados no contexto escolar.

Aos familiares e/ou responsáveis, sabemos que a luta diária não tem sido fácil! Porém, estamos convictos que nossas escolas estão, a cada dia mais, buscando ressignificar suas práticas, para acolher a todos os estudantes e proporcionar a estes serviços da Educação Especial de forma colaborativa, garantindo que a aprendizagem aconteça para todos, como um direito fundamental e mola propulsora para o desenvolvimento humano.

Queridos gestores, o ditado "A escola tem a cara do Diretor" ganha ainda mais relevância ao considerarmos que os gestores querem e têm o poder de ampliar as possibilidades dessa transformação. Como líderes, vocês podem incentivar a discussão, expandir as oportunidades de formação e assumir responsavelmente o papel de condutores das despesas do serviço público.

Queridos professores, quantos de nós já não pensaram assim: Meu Deus, eu não sei lidar com este aluno! Não estou preparado! Não tive formação para atender estes alunos! Calma... Inclusão escolar é processo e, como tal, estamos no caminho. A Secretaria da Educação do Estado de São Paulo já introduziu o Ensino colaborativo, o qual não é panaceia, nem salvador da Pátria, porém as pesquisas do Brasil e do mundo apontam-o como uma estratégia exitosa, que permite o aprimoramento da inclusão escolar. (Capellini; Zerbato, 2022; Stefanidis et al, 2023).

Para iniciar, é necessário ter em mente que a pessoa com TEA tem o direito de ser assistida pela Educação Especial e, mais do que isso, receber uma educação de qualidade, que seja inclusiva, acessível, considere suas especificidades e garanta sua participação plena em todos os níveis de ensino: da Educação Infantil ao Ensino Superior.

Tendo em vista o objetivo de promover uma educação de qualidade para todos os estudantes, precisamos cada vez mais aprender na escola e na sociedade a respeitar a diversidade humana, considerando a singularidade de cada um e procurando romper com práticas capacitistas.[1]

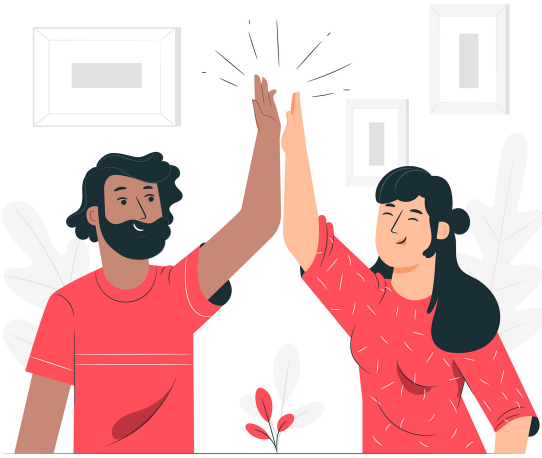


Imagem de storyset no Freepik

[1] O que é capacitismo? “O capacitismo é “[…]uma postura preconceituosa que hierarquiza as pessoas em função da adequação dos seus corpos à corponormatividade. É uma categoria que define a forma como as pessoas com deficiência são tratadas de modo generalizado como incapazes (incapazes de produzir, de trabalhar, de aprender, de amar, de cuidar, de sentir desejo e ser desejada, de ter relações sexuais etc.), aproximando as demandas dos movimentos de pessoas com deficiência a outras discriminações sociais, como o sexismo, o racismo e a homofobia. Essa postura advém de um julgamento moral que associa a capacidade unicamente à funcionalidade de estruturas corporais e se mobiliza para avaliar o que as pessoas com deficiência são capazes de ser e fazer para serem consideradas plenamente humanas.” (Mello, 2016, p. 3272).

A união de esforços para construção de uma rede escolar cada vez mais inclusiva, com a participação e convivência entre todos (estudantes, familiares ou responsáveis, comunidade escolar, órgãos dedicados a matéria e a sociedade civil), é importante para retirarmos o estigma limitante que acompanha a pessoa com TEA e criar pontes que possibilitem práticas pedagógicas prazerosas e eficazes, as quais possam ser baseadas em mais rodas de conversas e práticas inovadoras, que construam conhecimentos de diferentes formas, e menos aulas expositivas, marcadas por “lousa e giz” . Isto posto, visto que os estudantes são diferentes, não podemos esperar que todos aprendam da mesma forma.

Vamos à luta!

Temos paradigmas para quebrar e a uma escola inclusiva e acessível, onde todos possam dançar, para construir!

SOBRE AS ORIENTAÇÕES

As orientações disponíveis no presente documento “Transtorno do Espectro Autista (TEA): Orientações para as Escolas Estaduais de Ensino Fundamental e Médio de São Paulo” tem como propósito contribuir para a construção de práticas, culturas e políticas inclusivas e garantia dos direitos das pessoas em suas diferenças no ambiente escolar.

A primeira versão foi produzida pelo Projeto Educando para Diversidade, desenvolvido na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, a partir do financiamento do Convênio Santander.

Em sua 2ª edição, o conteúdo foi adaptado a todas as instituições do Ensino Superior do Estado de São Paulo, por meio da parceria com a Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência.



Imagem de storyset no Freepik

Para esta 3ª edição, as orientações presentes na 2ª edição, organizada por Leite et al. (2023), por meio da Coordenadoria de Ações Afirmativas, Diversidade e Equidade (CAADI), em uma nova parceria com a Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência, foram adaptadas com autorização dos autores das edições anteriores, com a finalidade de uma ampla circulação em todas as escolas de Ensino Fundamental e Médio do estado de São Paulo.

As orientações referem-se a práticas educativas sobre TEA para todos aqueles que acreditam que a convivência com as diferenças contribui para nosso desenvolvimento em diferentes contextos. Assim, estas têm como finalidade difundir e compartilhar informações que propiciem e contribuam para a efetividade da participação, visando incluir aqueles que apresentam diferenças físicas, sensoriais e/ou comportamentais, em um espaço de escolarização comum. Dessa forma, enfatizando o compromisso com a propagação dos direitos fundamentais dos estudantes no ambiente escolar (Leite, et al., 2023).



INTRODUÇÃO

A percepção sobre a diversidade nem sempre foi como a concebemos atualmente. A consciência sobre a multiplicidade de diferenças entre as pessoas não era tão explícita há 50 anos, ou seja, antes do processo de globalização dos meios de comunicação.

Existia, e ainda existe, uma representação de humanidade muito homogênea, que leva ao entendimento de que tudo que se distancia dos padrões de comportamentos e expressões culturais considerados adequados se enquadra como “desvio” da norma, ou seja, algo estranho, reprovável e que origina preconceitos. Diante da diversidade e pluralidade social e cultural, os indivíduos se reconhecem como diverso, mas a diversidade do outro os incomoda, contradizendo a própria percepção que esse indivíduo tem da diversidade.

Dessa forma, a escola “deve se configurar como um espaço democrático em que a diferença seja entendida como constitutiva do ser humano. Reconhecê-la, respeitá-la e valorizá-la passa a ser um compromisso de todas as pessoas!” (Leite, 2023, et al, p. 2).

A proposta de construção de cultura inclusiva é pautada na ideia de que a escola deve aceitar e reconhecer a diversidade entre todos os que ali se encontram, de acordo com os preceitos existentes nas políticas inclusivas de educação de qualidade para todos. Assim, pressupõe a transformação das concepções de educação homogeneizadora para a educação da e na diversidade: a escola que possui uma cultura inclusiva é, antes de tudo, uma escola que acolhe a todos, independentemente das características físicas, sociais, psicológicas e cognitivas.

Além disso, a escola inclusiva cria estratégias de ensino e aprendizagem diferentes, a fim de buscar o melhor de cada estudante, igualando, assim, as oportunidades de aprendizagem a partir da diferenciação das estratégias. Nela, o estudante está no centro do processo de ensino e aprendizagem, sendo necessário o conhecimento de sua história, seus interesses e motivações, os tipos de apoio de que mais necessita, as formas de estimular a sua autonomia e a interação com docentes e colegas.

Estas orientações poderão ser lidas por toda a comunidade escolar, inclusive pelos estudantes com TEA.

O QUE É TEA?

O TEA, segundo o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V, 2014), é caracterizado como um transtorno do neurodesenvolvimento, que afeta de forma persistente a comunicação e a interação social do indivíduo, associado a padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades.

As características comuns do sujeito com TEA incluem rotinas rígidas, maior sensibilidade a estímulos sensoriais e dificuldade em regular e expressar emoções. Esses indicativos são passíveis de serem percebidos precocemente, logo na primeira infância.

Muito conhecido simplesmente como autismo, esse transtorno consta no DSM-V, que agrupa os transtornos mentais e auxilia no diagnóstico e nas intervenções direcionadas por profissionais de saúde.

De acordo com a versão do ano de 2023 do DSM-V, o TEA engloba os quadros antes conhecidos como autismo, Síndrome de Asperger, Transtorno Desintegrativo da Infância e o Transtorno Global do Desenvolvimento - TGD. Portanto, tais termos agora estão em desuso e considera-se apenas o termo Transtorno do Espectro Autista.

A ideia de espectro reúne condições com variadas características associadas que possuem semelhanças no seu funcionamento ou são geradas pelo mesmo mecanismo. Isso significa que pessoas com autismo podem ser muito diferentes entre si e também podem apresentar características comuns ao quadro de TEA, como déficits na comunicação e na interação social e comportamentos repetitivos.

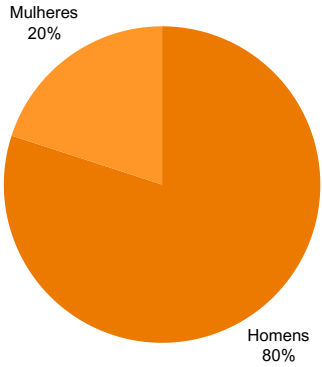
Anteriormente, classificavam-se as diferenças entre as pessoas com TEA em grau leve, moderado ou severo, porém, na atualidade, entende-se que não deve haver níveis classificatórios para designar a pessoa, mas sim classificar o nível de suporte que ela necessita para desempenhar atividades de forma independente.

Adaptado de (Leite, et al. 2023, p.7) .

Assim, utiliza-se a seguinte classificação:

- Nível 1 de suporte - necessidade baixa de apoio
- Nível 2 de suporte- necessidade de apoio substancial;
- Nível 3 de suporte - necessidade de apoio muito substancial.

De acordo com Maenner (2023), o TEA é diagnosticado com mais frequência em homens do que em mulheres, equivalente a uma proporção de quatro para um. Há investigações em andamento sobre as questões de prevalência de TEA em meninos em relação a meninas, mas ainda não são conclusivas.



Observa-se que as meninas tendem a apresentar traços entendidos como menos intensos, sua socialização a partir de pressupostos de características e comportamentos atribuídos ao gênero feminino, que as leva a adotar estratégias de sombreamento desses traços, como o fenômeno da camuflagem social (LAI et al., 2015).

POSSÍVEIS BARREIRAS VIVENCIADAS PELA PESSOA COM TEA NO CONTEXTO ESCOLAR

As pessoas com TEA, no cotidiano do contexto escolar, apresentam alguns desafios em relação à:

- Organização e planejar seu tempo para a realização de tarefas, trabalhos, materiais, provas, metas e demais afazeres do contexto escolar;
- Compreender questões das práticas sociais e entender as diferentes linguagens, que são, em geral, abstratas, como metáforas, ironias, piadas, etc.;
- Compreender questionamentos amplos e sem orientação específica;
- Interpretar corretamente comportamentos não verbais, expressões faciais, emoções, intenções, linguagem corporal e entonação de voz, bem com aplicá-los à sua prática social;
- Manter atenção e motivação constantes quando se trata de atividades distantes dos seus temas de interesse;
- Realizar atividades grafomotoras (grafia ilegível, maior tempo para escrever e realizar uma prova etc.), devido às alterações na coordenação motora fina;
- Executar várias atividades ao mesmo tempo;
- Focar visualmente todas as partes da tarefa/atividade/conteúdo apresentado;
- Lidar com estímulos sensoriais como luzes muito intensas, ruídos extremos, odores, sabores e/ou texturas específicas, no caso de ter hipersensibilidade sensorial;
- Flexibilizar suas rotinas e lidar com situações novas e inesperadas;
- Compartilhar interesses comuns;
- Reconhecer suas próprias habilidades e pontos fortes;
- Lidar com a rigidez do pensamento e com a autocobrança;
- Suas expectativas e cobranças excessivas e irreais;
- Saber como e quando buscar ajuda;
- Iniciar, manter e terminar uma conversa, devido às dificuldades na interação e na comunicação;

...

...

- Identificar assuntos apropriados ao contexto, de maneira a manter a conversa e ser assertivo;
- Estabelecer comunicação e interação com o professor;
- Interagir com seus colegas;
- Identificar outros estudantes com TEA;
- Realizar trabalhos em grupo;
- Fazer apresentações oralmente e se expor diante de um público;
- Lidar com o isolamento social;
- Conseguir comunicar suas necessidades e preferências;
- Lidar com a falta de apoio e suporte educacional e social para enfrentar situações novas e desconhecidas no ambiente escolar;
- Lidar com preconceitos, discriminação, falta de compreensão e aceitação;
- Entender a intenção do outro e se defender adequadamente;
- Identificar as exigências do professor e as expectativas dos colegas;
- Cumprir com suas obrigações escolares no tempo adequado e apresentar êxito no desempenho escolar.



Imagem de storyset no Freepik

Algumas dessas barreiras e desafios fazem parte da vida de vários outros estudantes. Contudo, enquanto a maioria deles consegue se adaptar de modo razoavelmente rápido às situações e contar com uma rede de apoio (amigos, colegas, familiares e/ou responsáveis, professores, coordenadores etc.), o estudante com TEA nem sempre pode dispor desse apoio, além do fato de, muitas vezes, não possuir suporte educacional adequado às suas necessidades. Tais situações podem acarretar aumento da ansiedade, baixa autoestima, isolamento social, dificuldade de aprendizagem e, consequentemente, baixo desempenho escolar, o que pode ocasionar reprovações sucessivas e, até mesmo, o abandono e a evasão escolar.

POTENCIALIDADES DO ESTUDANTE COM TEA

Ser um estudante do Ensino Fundamental e Médio expressa uma das potencialidades da pessoa com TEA, pois a nova realidade exige que se lide com mudanças e adaptações à sua rotina. Há uma série de habilidades específicas que podem ser apresentadas pelo estudante com TEA, dentre as quais podemos destacar:

- Facilidade no processamento visual e espacial das informações;
- Boa memória mecânica e de longo prazo, podendo vir a desenvolver habilidades em áreas específicas, como na música, na matemática, na pintura, no desenho, etc.;
- Precisão e atenção aos detalhes;
- Intensa dedicação, motivação, concentração e foco nas atividades e/ou temas específicos do seu interesse;
- Propensão para pensar racional e logicamente, permitindo a resolução de problemas por diferentes perspectivas e por meio de soluções;
- Respeito e adesão às regras estabelecidas e cumprimento delas;
- Gosto por seguir rotinas, adaptando-se com exatidão ao proposto;
- Elevado senso de justiça, sinceridade e honestidade;
- Amplo conhecimento e curiosidade sobre temas específicos;
- Facilidade com tarefas mecânicas, precisas e repetitivas;
- ...

(Adaptado de Leite, et al 2023, p.14).

...

Domínio sobre o funcionamento de objetos e/ou processos;

Extenso vocabulário e facilidade em aprender diferentes línguas;

Comportamento de escuta elevado, mostrando-se bom ouvinte;

Desempenho acadêmico satisfatório, apresentado por grande parte desses estudantes.

(Adaptado de Leite, et al 2023, p.14).



Imagem de storyset no Freepik

MITOS, ESTEREÓTIPOS, PRECONCEITOS SOBRE O TEA

Há muitos dados e materiais circulando (pelas mídias sociais, pela internet ou por produções midiáticas) que não possuem comprovação científica, ou seja, que apresentam informações não fidedignas a respeito do TEA. Isso contribui para a ilusão e o desenvolvimento de ideias e concepções equivocadas sobre o transtorno, favorecendo a propagação de mitos, preconceitos e estereótipos sobre esse público.

Vamos desmistificar juntos algumas compreensões e informações equivocadas que são bastante comuns?

O TEA tem cura?

O TEA é uma condição permanente, ou seja, a pessoa nasce com o transtorno e permanece com ele ao longo de toda a sua vida. Mas é claro que, com o auxílio de uma rede de apoio (terapias, família, amigos, educação, etc.), é possível minimizar as barreiras que impedem o avanço do indivíduo, promovendo maiores possibilidades de desenvolvimento e qualidade de vida dos sujeitos. Pessoas autistas podem adquirir muitas habilidades, independência e autonomia, mas jamais deixam de ser autistas. O TEA não é uma doença, por isso não se deve pensar em cura ou que possa ser algo passageiro.

(Leite et al., 2023, p.18-23)

TEA É UMA DOENÇA CONTAGIOSA?

NÃO

O TEA é considerado um transtorno do neurodesenvolvimento e não uma doença. Sua origem ainda é desconhecida. Porém, há diversas pesquisas sobre esse tema sendo realizadas pelo mundo afora e acredita-se em múltiplas causas: genéticas, biológicas e ambientais.

(Leite et al., 2023, p.18-23)

AS MÃES SÃO RESPONSÁVEIS POR TER UM FILHO COM TEA?

NÃO

Entre as décadas de 1940 e 1960 Bettelheim propôs a teoria que defendia que o autismo era uma desordem mental causada por “mães geladeira” - mães sem afetividade por seus filhos, no entanto, esta teoria caiu por terra com o avanço da ciência. A causa genética já está mais do que comprovada pela ciência. Não existe um único gene causador do TEA, mas sim uma interação complexa entre diversos genes. Além disso, é possível que exista relação com fatores ambientais.

(Leite et al., 2023, p.18-23)

TODA PESSOA COM TEA TÊM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL?

NÃO

Muitas pessoas com TEA são identificadas de forma equivocada com deficiência intelectual. A deficiência intelectual pode ou não ser uma condição coexistente com o TEA. Pelo fato de o TEA se configurar como um espectro com diferentes modos de comprometimento, as pessoas que estão no espectro podem ou não apresentar prejuízos cognitivos, não falarem ou terem dificuldades intensas na interação social, bem como outras condições singulares. A literatura científica aponta que um terço das pessoas com TEA pode apresentar algum nível de deficiência intelectual.

(Leite et al., 2023, p.18-23)

TODAS AS PESSOAS COM TEA TÊM TRANSTORNOS MENTAIS?

NÃO

Estudos indicam a prevalência de 28% de ocorrência de Transtorno e Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH); 20% para Transtornos de ansiedade; 13% para Desordens do sono; 12% para Transtornos de personalidade; 11% para Desordens depressivas; 9% para Transtorno Obsessivo Compulsivo (TOC); 5% para Desordem Bipolar e 4% para Esquizofrenia (LAI et al, 2019).

(Leite et al., 2023, p.18-23)

TODAS AS PESSOAS COM TEA SÃO IGUAIS?

NÃO

Como todo ser humano, cada pessoa com TEA é singular, diferente e única! Não há duas pessoas com TEA iguais. Cada pessoa com TEA tem seu jeito de ser e estar no mundo, construindo diferentes histórias de vida. Importante: como qualquer outra pessoa, esses sujeitos apreciam ser valorizados pela sua individualidade.

(Leite et al., 2023, p.18-23)

TODAS AS PESSOAS COM TEA POSSUEM MENTES BRILHANTES, SÃO "GÊNIOS"?

NÃO

As pessoas com TEA, assim como todas as outras, possuem habilidades e dificuldades, podem ter desempenho acima, abaixo ou na média. Algumas pessoas com TEA têm habilidades intelectuais que chamam atenção. Embora alguns possam, sim, ter altas habilidades/superdotação como uma dupla condição, mas não é a regra.

(Leite et al., 2023, p.18-23)

AS PESSOAS COM TEA TÊM AUSÊNCIA DE SENTIMENTOS?

NÃO

As pessoas com TEA podem ter dificuldade em identificar e expressar suas emoções e sentimentos, mas isso não quer dizer que não os sentem e que não são afetadas por eles. Gostam de se sentir amadas, respeitadas, aceitas e expressam seus afetos de diferentes formas (nem sempre tão convencionais); podem namorar, casar e ter filhos, se assim desejarem, e podem vivenciar plenamente sua sexualidade.

Chacotas e piadas sobre pessoas com TEA, bem como o uso de palavras de mau gosto para se referir a elas como insensíveis, esquisitas ou frias podem machucá-las, ferindo seus sentimentos, e levá-las a se afastarem do convívio social.

(Leite et al., 2023, p.18-23)

AS PESSOAS COM TEA SÃO ANTISSOCIAIS?

NÃO

As pessoas com TEA apresentam dificuldades de interações sociais, devido a complexidade de interpretar sinais não verbais transmitidos pelo outro ou compreender a linguagem corporal. O vínculo afetivo se restringe, geralmente, ao número reduzido de amigos. É comum as pessoas com TEA realizarem atividades sozinhas, e tal comportamento deve ser respeitado.

(Leite et al., 2023, p.18-23)

AS VACINAS CAUSAM TEA?

NÃO

Há alguns anos, uma publicação associou a vacina de rubéola ao autismo, o que gerou boatos sobre a relação entre esses fatores. Entretanto, o The Lancet, jornal científico de medicina internacional, retratou-se e refutou essa publicação, que considerou irreal, ou seja, falsa. Portanto, não há evidências científicas de que vacinas, medicamentos ou glúten possam causar o autismo.

(Leite et al., 2023, p.18-23)

AUTISTAS VIVEM NO SEU PRÓPRIO MUNDO E GOSTAM DE FICAR SOZINHOS?

Pessoas com TEA podem parecer alheias ao mundo externo, mas essa é uma impressão de quem vê de fora. Muitas pessoas autistas preferem ficar sozinhas, devido a dificuldades para se inserir em grupos e interagir com outras pessoas, o que não significa, necessariamente, que gostem de ficar sozinhas. Autistas também percebem e aprendem com o mundo ao redor. Precisamos compreender a melhor forma de acessar seus interesses e favorecer sua participação. Com as adaptações necessárias, respeito às diferenças e inclusão social, pessoas autistas podem gostar de estar em grupo, como qualquer outra pessoa.

(Leite et al., 2023, p.18-23)

AS PESSOAS COM TEA SÃO INCAPAZES DE APRENDER?

NÃO

As pessoas com TEA possuem seu próprio tempo, ritmo e forma de aprender, desenvolvendo suas potencialidades. Podem apresentar, ao longo da vida, necessidades educacionais específicas que devem ser atendidas durante o processo de ensino, de maneira a garantir condições para uma aprendizagem mais efetiva e um melhor desenvolvimento.

(Leite et al., 2023, p.18-23)

TODO MUNDO É UM POUCO AUTISTA?

Além de falsa, essa afirmação é capacitista. Muita gente acha que, por possuir características aparentemente comuns ao autismo, como não gostar de barulho, por exemplo, pode ser “um pouco” autista. Primeiro, não existem níveis de autismo, mas sim de suporte necessário à pessoa autista. Segundo, essa ideia é desrespeitosa com as pessoas que realmente têm a condição.

(Leite et al., 2023, p.18-23)

ESTUDANTE COM TEA NO AMBIENTE ESCOLAR

Não há dúvidas que vocês docentes estão sempre aprimorando sua prática pedagógica, neste sentido, cabe lembrar que os estudantes com TEA, em decorrência das suas necessidades específicas, podem demandar suporte e acessibilidade curricular em sua trajetória escolar. Por isso, antes de tudo, é fundamental que nós docentes conheçamos nossos estudantes, suas preferências, e notar que cada indivíduo, com ou sem TEA, é único, assim como todos os estudantes elegíveis aos serviços da Educação Especial.

É necessário OLHAR para o estudante, ACOLHER E CONHECER!

A cada início de ano letivo ou no decorrer, nós recebemos novos desafios e é muito importante que nós estejamos dispostos a enfrentá-los, tendo principalmente a consciência da importância do nosso papel na inclusão, enquanto professor de classe comum.



Imagem de storyset no Freepik

Coletar informações sobre o estudante com TEA, com o intuito de verificar se existem relatórios, anotações sobre os anos letivos anteriores, pode ajudar, assim como conversar com a família e/ou responsáveis, a entender a história e qual é o tipo de atendimento multidisciplinar que ele recebe ou recebeu. O trabalho em equipe é, sem dúvida, também um dos pilares para desenvolvermos um bom trabalho.

Pensando em adaptações pedagógicas, você poderá oportunizar uma didática diferenciada para todo o grupo, e não somente para o estudante elegível aos serviços da Educação Especial.

Por fim, elencamos alguns recursos e/ou estratégias que visam maximizar potencialidades, garantir o acesso e permanência do estudante na escola:

Suportes atitudinais:

O estudante com TEA deve ser respeitado nas suas especificidades. Para isso, é preciso que a comunidade escolar aprenda a conviver com ele e legitime seu modo diferente de ser ou de agir. Diálogos em formato de frases curtas e claras, velocidade e ritmo de fala reduzidos são sugestões para facilitar a comunicação com o estudante com TEA. A prática do bullying, expressa por meio de zombarias, e/ou a exclusão de grupos de colegas, deve ser identificada e eliminada.



Imagem de storyset no Freepik

Suportes informacionais:

É importante que seja disponibilizado ao estudante o mapa da localização dos espaços da unidade escolar, para melhor orientação, e os telefones de atendimento da secretaria da escola.



Imagem de storyset no Freepik

Imagem de storyset no Freepik

Suporte pedagógico:

A Secretaria da Educação - SEDUC, visando à redução e à eliminação de barreiras no ambiente escolar, disponibilizará os seguintes serviços:

- Professor Especializado;
- Atendimento Educacional Especializado – AEE no contraturno escolar ou turno extra;
- Projeto Ensino Colaborativo no turno escolar como forma de AEE expandido;
- Recursos Pedagógicos, de Acessibilidade e de Tecnologia Assistiva;
- Profissional para atuar com estudantes com deficiência auditiva e surdez ou surdo-cegueira;
- Serviço de Profissional de Apoio Escolar;
- Recursos pedagógicos, de acessibilidade e de tecnologia assistiva.

Cabe enfatizar que cabe ao Professor Especializado, entre outras atribuições, orientar os responsáveis pelo estudante, as famílias e a comunidade escolar quanto aos procedimentos educacionais e encaminhamentos para as redes de apoio.



Imagem de storyset no Freepik



ESTRATÉGIAS E ORIENTAÇÕES AOS PROFESSORES E GESTORES EDUCACIONAIS

Como vimos, são várias as características específicas apresentadas pelo estudante com TEA. É preciso conceber que a pessoa que se enquadra no espectro não se resume a essa condição, uma vez que tem pensamentos, sentimentos e emoções próprias, ou seja, é um ser humano como qualquer outro e tem suas particularidades de desenvolvimento. Assim, aconselhamos que coordenadores e/ou professores, já no ato da matrícula do estudante, ou na matrícula antecipada, agende a Avaliação Pedagógica Inicial – API, para que seja possível identificar os apoios, recursos e serviços necessários a sua integração e participação, por meio da utilização de estratégias pedagógicas que considerem as potencialidades e necessidades específicas de cada um, tal como previsto na Resolução SEDUC nº21, de 21 de junho de 2023.

O professor deve promover a acessibilidade curricular, com o auxílio do professor especializado do AEE, concretizar as atividades e interações pedagógicas, bem como a utilização de recursos e de tecnologias assistivas que possam contribuir para a autonomia e desenvolvimento escolar dos estudantes com TEA. Este docente deverá realizar constante diálogo com o Professor Especializado do AEE e do Projeto de Ensino Colaborativo, sempre com o firme compromisso de garantir a inclusão nas classes comuns do ensino regular, assumindo atribuições em cada uma das ações realizadas com os estudantes.

Ademais, o professor deve disponibilizar conteúdo da aula com antecedência; utilizar mapas, diagramas e esquemas conceituais que expliquem processos e procedimentos; determinar detalhadamente os critérios de avaliação e os objetivos das atividades, bem como ampliar o tempo de entrega delas; nas avaliações propostas, considerar formatos diferenciados, tempo adicional para a realização de provas e opções adaptadas de respostas tais como prova oral, respostas diagramadas ou por esquemas; oferecer informação clara e sistematizada, sobre a rotina semanal, grade horária, calendário escolar, atividades extracurriculares.

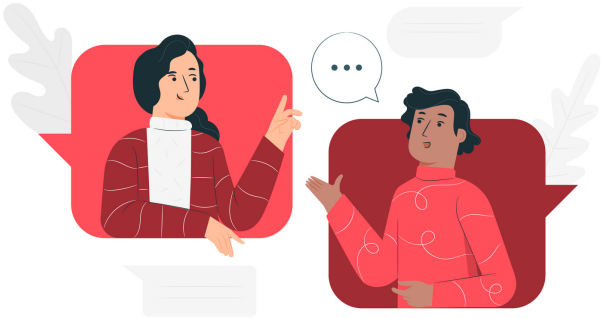


Imagem de storyset no Freepik

Quando o professor for fazer uso de slides, deverá disponibilizá-los previamente ao estudante, tendo em vista que pode existir dificuldade em acompanhar a explicação do conteúdo em sala de aula. Durante o diálogo com o aluno, determinar os objetivos e finalidades da conversa, evitando a utilização de sentidos conotativos; buscar exemplos concretos para ilustrar o que se fala; iniciar a conversação com base no conhecimento prévio do estudante e, a partir disso, estabelecer relações com outros conteúdos, para motivá-lo a participar do diálogo.

- Identificar se o discente sofre com hipo ou hipersensibilidade sensorial, pois essa condição pode intensificar sensações relativas aos estímulos olfativos, visuais, auditivos e táteis ou levar a pessoa a não senti-los ou a permanecer indiferente a eles.

- Permitir que o estudante se ausente por períodos curtos da sala de aula, caso necessário, para que ele consiga se autorregular (monitorar e controlar emoções, sentimentos, pensamentos, comportamentos), contando com o apoio do Profissional de Apoio Escolar.

- Dentro do possível, procurar controlar ruídos em sala; evitar tocar no estudante; estabelecer rotinas de trabalho, tal como sinalizar o momento da participação em uma dada atividade; estar atento às relações entre os pares para evitar possível bullying praticado contra o estudante com TEA.

- Encorajar a pessoa com autismo a buscar redes de apoio que trabalhem de forma conjunta com a escola e família, tais como monitorias, treinamentos ou profissionais que possam proporcionar suporte complementar, como psicólogos ou assistentes sociais, de forma a não expor a condição do estudante, suas particularidades ou dificuldades aos demais colegas, para que não haja constrangimento.

- Além disso, é essencial que o professor estabeleça uma rotina visual, deixando claro para o estudante o que vai acontecer no decorrer da aula, dando comandos curtos e dirigidos, bem como questionamentos claros e objetivos.

- Quanto às atividades, devem ser estruturadas de forma a ofertar pouco conteúdo por folha, somente as informações mais relevantes, quando forem oferecidos textos para leitura. Para que o estudante acompanhe, é necessário destacar (grifar) as partes importantes para que facilite a localização. Ressaltamos ainda que, quando forem tratados temas que tenham muitas nomenclaturas, utilizar de imagens para facilitar a compreensão, e se abster de usar metáforas, uma vez que para os estudantes com TEA isso pode causar barreiras na compreensão.



COMO O ESTUDANTE COM TEA PODE SE ORIENTAR NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM

Considerando que estas orientações poderão ser lidas por toda a comunidade escolar, inclusive pelos estudantes com TEA, deixamos nesta seção algumas orientações para os estudantes, com o intuito de auxiliá-los em seu próprio processo educacional.

Informe o professor sobre suas necessidades específicas de aprendizagem. Isso é uma boa medida para que ele consiga repensar sua prática pedagógica.

A Lei no 12.764/2012 (BRASIL, 2012), que Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, e a Lei Brasileira de Inclusão (BRASIL, 2015), apresenta conteúdos sobre a inclusão das pessoas com deficiência, TEA e Altas Habilidades/Superdotação em vários âmbitos, inclusive o educacional. Sugerimos que esses documentos sejam disponibilizados para toda a comunidade escolar, para que possam ser apropriados e sirvam de instrumento à reivindicação dos direitos dos estudantes elegíveis aos serviços da Educação Especial.



Imagem de storyset no Freepik



ESTRATÉGIAS E ORIENTAÇÕES AOS COLEGAS DE CLASSE E PESSOAS DO CONVÍVIO

Você convive com algum amigo, parente ou colega de classe que tenha TEA e está com dúvidas sobre como começar ou manter um contato com ele? Se sim, aqui vão algumas orientações para você:

- Antes de qualquer atitude, compreenda a condição do TEA enquanto parte da pessoa e, portanto, não faça julgamentos: a condição do autismo integra a individualidade do sujeito. Aceite esse aspecto indissociável da pessoa, que a torna única;

- Enxergue a pessoa com TEA como ela é, ou seja, como alguém que tem desejos, sonhos, dificuldades, direitos e deveres, assim como você;

- Procure respeitar o espaço da pessoa, de acordo com a proximidade e com o vínculo que mantém com a mesma;

- A forma como o estudante com TEA interage e se comunica não impede que ele mantenha interações sociais, por isso, quando houver necessidade, ajude-o no processo de inserção nos grupos, ou ainda, inicie uma conversa com algum assunto do interesse dele e procure escolher rotinas previsíveis;

- Saiba compreender os limites da pessoa com TEA: não priorize o contato visual, continue conversando mesmo que ela não pareça estar prestando atenção ao que você diz ou não olhe nos seus olhos;

- Seja claro e objetivo ao falar e fazer perguntas, pois a maioria das pessoas com TEA têm dificuldade em entender expressões com sentido figurado, como sarcasmo, ironia, por exemplo;



Imagem de storyset no Freepik

Comportamentos aparentemente agressivos dirigidos às pessoas de seu convívio podem ocorrer, logo, não atribua apressadamente a esses comportamentos características hostis ou mal-intencionadas.

QUEM PROCURAR QUANDO PRECISAR DE AJUDA NA ESCOLA

Estou com dificuldades para aprender.
E agora? O que eu faço? Onde posso buscar ajuda?

Caso você seja um estudante com TEA e se encontre com dificuldades escolares, busque entrar em contato com a equipe gestora e Professor do Projeto Ensino Colaborativo.

Você também pode buscar algum dispositivo institucional (órgão, núcleo, centro, comissão, etc.) que seja responsável por garantir a acessibilidade e/ou a inclusão na sua instituição, que pode auxiliá-lo nesse processo.



Imagem de storyset no Freepik

Caso você não se sinta à vontade com nenhuma dessas opções, pode buscar apoio e/ou orientação do professor especializado do Atendimento Educacional Especializado – AEE para que, juntos, vocês solicitem o auxílio do professor de sua confiança, Coordenador de Gestão Pedagógica, Coordenador de Organização Escolar e/ou do Diretor Escolar para enfrentar essas barreiras.

INGRESSO NO ENSINO SUPERIOR E MUNDO DO TRABALHO

O acesso ao ensino superior e a inserção no mundo do trabalho são etapas importantes para qualquer indivíduo, e para aqueles com TEA pode ser uma temática complexa e desafiadora. Para a sua análise, faz-se necessário considerar diversos aspectos, a começar pelo histórico do sujeito, desde a infância. O diagnóstico precoce, logo na primeira infância, permite o encaminhamento aos serviços de apoio e/ou orientação do professor especializado do Atendimento Educacional Especializado – AEE.

Tanto no ambiente escolar quanto profissional, esses indivíduos podem enfrentar uma série de obstáculos, que vão desde a falta de compreensão e apoio adequados, até a falta de adaptação a ambientes e demandas específicas. Quando não ocorre esse apoio, funções cognitivas podem não ser estimuladas, acarretando as dificuldades de aprendizagem já mencionadas anteriormente, as quais poderão afetar todo o desenvolvimento educacional e profissional da pessoa.



Imagem de storyset no Freepik

No contexto do ingresso no ensino superior, é importante considerar os interesses e habilidades do estudante com TEA. Em muitos casos, suas escolhas podem estar alinhadas aos padrões restritos de interesse associados ao transtorno, o que significa que ele já pode ter desenvolvido habilidades relevantes para o curso desejado. Por exemplo, se o estudante demonstra aptidão para áreas como matemática ou informática, ele pode encontrar mais facilidade em cursos relacionados a essas áreas do conhecimento.

Além disso, é fundamental oferecer apoio e recursos específicos para garantir a inclusão desses estudantes no ambiente universitário. Isso pode incluir adaptações na estrutura física do campus, para facilitar a locomoção e o acesso a recursos e serviços, bem como o fornecimento de suporte individualizado, como tutoria, mentoria e acompanhamento psicológico, para lidar com os desafios acadêmicos e sociais.

Quando pensamos na inclusão desse sujeito no mundo de trabalho, ou seja, na sua participação, precisamos considerar em qual área ele pretende atuar. Algumas vezes, a escolha é correspondente aos padrões restritos de interesse da pessoa com TEA e, por isso, seu repertório já contempla e tem aprimoradas as habilidades exigidas pela vaga almejada. Outra possibilidade é a escolha de um posto de trabalho que não demande da pessoa com TEA ações que a deixe desconfortável. Por exemplo: se ela tem dificuldades de interação social, poderá trabalhar com uso de tecnologias, a qual permite que o profissional realize seu trabalho sem necessariamente interagir a todo momento com outras pessoas, ou optar por cargos em que o trabalho seja desempenhado individualmente.

Neste contexto, é crucial considerar os desafios enfrentados pelos estudantes e profissionais com TEA, bem como as estratégias e políticas necessárias para promover sua inclusão e garantir oportunidades igualitárias para o desenvolvimento educacional e profissional, sendo alguns deles:

- Locomoção e transporte: é comum que a pessoa com TEA tenha dificuldade em utilizar serviços de transporte público para chegar até o local de trabalho, ou, se for estudante, ao transporte coletivo escolar. Um exemplo dessa dificuldade é o contato social com outras pessoas, principalmente o físico, o qual pode ser muito desgastante. Além disso, o transporte público pode ser bastante desagradável para quem tem hipersensibilidade sensorial, uma vez que se trata de um ambiente com muitos estímulos sonoros, táteis, visuais e olfativos.

- Pressões quanto a prazos e ao cumprimento de ordens podem causar dissonância cognitiva no sujeito com TEA. Além disso, as pessoas que convivem no mesmo espaço podem não compreender os rituais comportamentais apresentados para a execução de determinada tarefa ou os seus movimentos estereotipados, que servem para regular a ansiedade, o que pode gerar conflitos nas interações sociais;

- Muitas vezes, a falta de confiança para executar certas tarefas pode funcionar como gatilho para a ansiedade em pessoas com TEA. Soma-se a isso o comprometimento sociocomunicacional e tem-se um quadro em que a pessoa pode ter dificuldades de solicitar ajuda, podendo interromper a execução da tarefa laboral ou acadêmica ou até mesmo deixar o local de trabalho ou a universidade;

- Utilizar locais que facilitem o acesso aos itens do trabalho, assim como minimizar distrações visuais e ruídos;
- Operar em locais com pouca luminosidade;
- Permitir o uso de fones de ouvido;
- Realizar descrição clara, minuciosa e com antecedência das tarefas, deveres, responsabilidades, expectativas e normas da instituição de ensino e/ou da empresa;
- Ofertar suporte de mentores (orientador profissional) e/ou conselheiros (colega de trabalho que ajudará no processo de adaptação à função);
- Organizar atividades e programas que visem à criação de grupos de suporte e discussão voltados à pessoa com TEA no espaço acadêmico e no espaço laboral;
- Realizar campanhas de conscientização e treinamentos com vistas a esclarecer sobre o TEA e reduzir o preconceito e as barreiras à inclusão dos sujeitos no ambiente acadêmico e de trabalho;
- Oferecer apoio e incentivo às pessoas com TEA, pelos gestores e coordenadores, no espaço acadêmico e laboral;
- Incentivar o respeito e o vínculo de companheirismo entre os estudantes e os trabalhadores;



Imagem de storyset no Freepik

- Ressalta-se ainda que o incentivo, a adoção e a criação de políticas públicas que promovam a participação de pessoas com TEA no ensino superior e no mundo do trabalho podem ser consideradas como ferramentas para viabilização e estímulo à construção de uma cultura inclusiva e de suportes adequados no ambiente educacional e laboral, contribuindo para a preparação para a atuação profissional, o incentivo à contratação, o acompanhamento, o fomento à produção científica e o desenvolvimento de informações precisas sobre o tema (Leopoldino; Coelho, 2017).

A liberdade de exercício de qualquer trabalho, ofício ou profissão, como prevê a Constituição Federal, tem sustentação na Lei 2.813/91, mais conhecida como Lei de Cotas, que dispõe sobre os Planos de Benefícios da Previdência Social e dá outras providências. Representando um avanço fundamental no campo da inclusão das pessoas com deficiência no mercado de trabalho, seu artigo 93 determina um percentual de cargos que devem ser ocupados por beneficiários reabilitados do INSS ou pessoas com deficiência, na proporção de 2 a 5% de reserva das vagas para contratação, a depender da quantidade total de funcionários da empresa. No âmbito federal, o Decreto No 9.508/18 também assegura a reserva de vagas para as pessoas com deficiência no provimento de cargos e de empregos públicos ofertados em processos seletivos e em concursos públicos.



Imagem de storyset no Freepik

LEGISLAÇÕES NACIONAIS E DO ESTADO DE SÃO PAULO SOBRE TEA NO ÂMBITO NACIONAL

NO ÂMBITO NACIONAL

LEI Nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012

Regulamentada pelo Decreto nº 8.368, de 2 de dezembro de 2014, essa lei, conhecida como Lei Berenice Piana, institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, além de indicar, para todos os efeitos legais, que a pessoa com TEA passa a ser considerada pessoa com deficiência no país. Propõe diretrizes para a maior participação social da pessoa com TEA, orientando o diagnóstico precoce, tratamentos especializados, disponibilização de medicamentos pelo SUS, acesso à educação e à proteção social e ao trabalho, entre outros direitos que visam à igualdade de oportunidades.

LEI Nº 13.146, de 06 de julho de 2015

Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Essa normativa assegura e promove os direitos e liberdades fundamentais da pessoa com deficiência, em condições de igualdade, objetivando a sua inclusão social e o reconhecimento da sua cidadania.

LEI Nº 13.861, de 18 de julho de 2019

Inclui as especificidades inerentes ao transtorno do espectro autista nos censos demográficos. Assim, a partir do Censo de 2022, o país contará com dados censitários sobre o autismo no Brasil.

NO ÂMBITO ESTADUAL

LEI Nº 16.756, de 8 de junho de 2018

Dispõe sobre o dever de inserção do símbolo mundial da conscientização sobre o Transtorno do Espectro Autista - TEA nas placas de atendimento prioritário.

Decreto nº 67.635/2023

Dispõe sobre a Educação Especial na rede estadual de ensino e dá providências correlatas.

Resolução SEDUC 21/2023

Dispõe sobre a regulamentação da Política de Educação Especial do Estado de São Paulo e do Plano Integrado para Pessoas com Transtorno do Espectro do Autismo – TEA.

Política de Educação Especial do Estado de São Paulo.

Dispõe sobre a regulamentação da Política de Educação Especial do Estado de São Paulo.

DECRETO Nº 67.634, de 6 de abril de 2023

Institui o Plano Estadual Integrado para Pessoas com Transtorno do Espectro do Autismo – PEIPTEA e dá providências correlatas. O plano propõe divulgar e promover ações para promoção das políticas públicas e aprimoramento dos serviços nos diversos setores e esferas da sociedade civil, voltados às pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA).

LEI N° 17.158, DE 18 DE SETEMBRO DE 2019 (Última atualização: Lei n° 17.798, de 06/10/2023)

Institui a Política Estadual de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista - TEA, e dá outras providências

OUTRAS INFORMAÇÕES E CURIOSIDADES

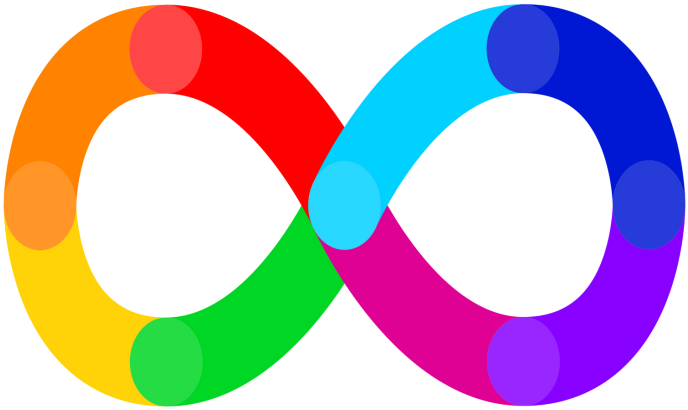
O TEA por se tratar de um espectro têm diferentes sintomas e intensidades, sendo abordadas, neste documento orientador, algumas particularidades. Contudo, ainda trouxemos algumas curiosidades sobre o tema para vocês!

Você sabia que o dia 02 de abril é o Dia Mundial de Conscientização sobre o Transtorno do Espectro Autista?

A data foi oficializada em 2007 pela Organização das Nações Unidas (ONU), com o objetivo de conscientizar e sensibilizar a população mundial sobre o tema, desconstruir mitos e estereótipos relacionados às pessoas com TEA e favorecer a objetivação de seus direitos e deveres fundamentais. No Brasil, a data de celebração foi instituída pela Lei nº 13.652, de 2018. No dia 2, e por todo mês de abril, ocorrem eventos, palestras, reuniões, debates e a iluminação, com a cor azul, de prédios e monumentos históricos.

Segundo o site Autismo e Realidade[2], escolheu-se a cor azul para simbolizar o transtorno porque há maior incidência de casos em pessoas do sexo masculino, e a fita em quebra-cabeça com diferentes cores para representar a complexidade do transtorno e a diversidade de pessoas e famílias que convivem com ele.

Tem-se considerado mais adequado utilizar o logotipo da neurodiversidade, simbolizado por um sinal do infinito do arco-íris, que celebra a ideia do espectro com infinitas variações e possibilidades.



2 https://autismoerealidade.org.br

Você sabia que há uma Carteira de Identificação de Pessoa com TEA?

A Carteira de Identificação da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista (CIPTEA) foi sancionada pela Lei n° 13.977/2020, e visa garantir atenção integral, pronto atendimento e prioridade às pessoas com TEA no atendimento e no acesso aos serviços públicos e privados, em especial nas áreas da Saúde, Educação e Assistência Social.

É um documento oficial desenvolvido pela Secretaria de Estado dos Direitos da Pessoa com Deficiência (SEDPcD) e idealizada pela Secretaria de Gestão e Governo Digital (SGGD). Para emitir a carteirinha, acesse o Portal CipTEA (ciptea.sp.gov.br), ou vá presencialmente em alguns dos postos do Poupatempo que já contam com esse atendimento especializado.

No Estado de São Paulo, a partir do Decreto Nº 67.634/23, de 06/04/2023, que institui o Plano Estadual Integrado para Pessoas com Transtorno do Espectro do Autismo (PEIPTEA), ações intersetoriais das Secretárias do Estado de São Paulo (Direitos da Pessoa com Deficiência, Saúde, Educação e Assistência e Desenvolvimento Social), sob coordenação da Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência são desenvolvidas, com o objetivo de articular e ampliar os serviços e ações às pessoas com TEA.

Bem como a Resolução SEDUC – 21, de 21-6-2023 – Dispõe sobre a regulamentação da Política de Educação Especial do Estado de São Paulo e do Plano Integrado para Pessoas com Transtorno do Espectro do Autismo – TEA.



Imagem de storyset no Freepik



Você sabia que produções midiáticas podem auxiliar a compreender melhor o TEA?

Apesar de a pessoa com TEA enfrentar desafios quanto à possibilidade da hipo ou da hipersensibilidade aos estímulos presentes em seu contexto, ela vivencia sentimentos e emoções, mesmo que sua forma de atribuir sentido às relações possa ser diferente da de uma pessoa que não se enquadra no espectro. Essa e outras questões são bem abordadas em produções como o longa-metragem "Molly - Experimentando a Vida", dirigido por John Duigan, ou o documentário "O Cérebro de Hugo", dirigido por Sophie Rèvil e baseado em fatos, com vários depoimentos, em forma de narrativas, sobre ser autista.

Você sabia que existem salas sensoriais em aeroportos para as pessoas com TEA?

Espaços tranquilos e silenciosos estão surgindo em aeroportos do exterior, como nos Estados Unidos e Irlanda. A proposta é realmente serem ambientes tranquilos e seguros para crianças e adultos com TEA ou com outros Transtornos de Neurodesenvolvimento, sendo uma alternativa antes do momento do embarque, principalmente em situações de atraso de voos ou aglomeração de pessoas, caso sintam-se desconfortáveis.

Você sabia que existem sessões de cinema adaptadas para pessoas com TEA?

Apesar de algumas crianças e adultos com TEA conseguirem frequentar salas comuns de cinema, em sua maioria é necessário que algumas adaptações sejam realizadas no ambiente, principalmente ajustes de luminosidade e som. Adaptar as sessões e salas para torná-las inclusivas e para que possam receber de forma mais confortável as pessoas é fundamental para ampliar a criação de espaços inclusivos e as formas de garantir o acesso ao lazer e cultura nos mais diversos âmbitos para as pessoas autistas.

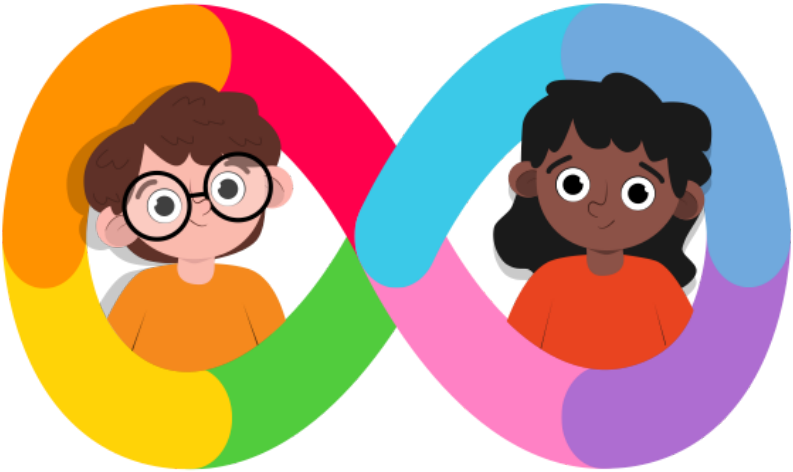
CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esperamos que o conteúdo lido tenha contribuído para ampliar seu conhecimento sobre as pessoas com TEA e, sobretudo, tenha ajudado na percepção dos caminhos que conduzem a uma realidade mais inclusiva, acessível e anticapacitista.

Os desafios são visíveis, mas é preciso considerar os avanços alcançados nos últimos 50 anos. Olhar para a história e perceber a luta travada até aqui nos dá esperança e embasamento para modificar o que ainda é necessário.

Importante ter como premissa “nada sobre nós sem nós”, isto é, dar vez e voz à pessoa com TEA é o ponto de partida, colocá-los como protagonistas da luta pelos direitos e dignidade mostra respeito e consideração de sua capacidade.

A educação será uma importante aliada, pois oferece as ferramentas necessárias para lidar com o preconceito, injustiças sociais e capacitismo e, principalmente, ensinará a pessoa sem deficiência a não reproduzi-los.





ENDEREÇOS DE PÁGINAS SOBRE O TEMA

Os endereços indicados são algumas sugestões da SEDPCD sobre o tema:

Autismo e Realidade
https://autismoerealidade.org.br/

Autism Research Institute
https://www.autism.org/

Autism Speaks
https://www.autismspeaks.org/

Instituto Lagarta Viva Pupa
https://www.lagartavirapupa.com.br/

National Autistic Society
https://www.autism.org.uk/

World Autism Organisation (WAO)
https://worldautismorganisation.com/

TISMOO
https://tismoo.us/portal/

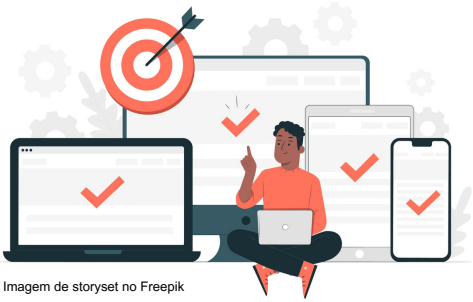


Imagem de storyset no Freepik

REFERÊNCIAS

AUTISM SPEAKS. CDC estimate on autism prevalence in- creases by nearly 10 percent, to 1 in 54 children in the U.S. Autism Speaks, New York, 2020. Disponível em: <https://www.autismspeaks.org/press-release/cdcestimate-autism-preva-lence-increases-nearly-10-percent-1-54-children-us.>. Acesso em: 10 mar. 2024.

CAPELLINI, Vera Lúcia Messias Fialho; ZERBATO, Ana Paula. O que é o ensino colaborativo. 2. ed. São Paulo: Edicon, 2022.

LEITE, Lúcia Pereira et al. Transtorno do Espectro Autista : guia de orientações para as Instituições de Ensino Superior. Coordenadoria de Ações Afirmativas Diversidade e Equidade (CAADI), org. – 2. ed. São Paulo : Unesp, 2023. < https://www.pessoacomdeficiencia.sp.gov.br/ wp-content/uploads/2023/07/SEDPcD_Unesp_ GuiaTEAEnsinoSuperior.pdf >. Acesso em 15. março 2024.

LAI, M. C. et al. Sex/gender differences and autism: setting the scene for future research. Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry, v. 54, n. 1, p. 11-24, 2015.

LAI M.C. et al. Prevalence of co-occurring mental health diag- noses in the autism population: a systematic review and me- ta-analysis, The Lancet Psychiatry, Volume 6, Issue 10, 2019.

LEOPOLDINO, C. B.; COELHO, P. F. C. O processo de inclusão de autistas no mercado de trabalho. Revista Economia & Gestão, Belo Horizonte, v. 17, n. 48, p. 141-156, set. 2017. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/economiaegestao/article/view/15660>. Acesso em: 08 mar 2024.

MAENNER, M.J.; WARREN, Z.; WILLIAMS, A. R.; et al. Prevalence and Characteristics of Autism Spectrum Disorder Among Children Aged 8 Years — Autism and Developmen- tal Disabilities Monitoring Network, 11 Sites, United States, 2020. MMWR Surveill Summ 2023; 72(No. SS-2):1–14. <http://dx.doi.org/10.15585/mmwr.ss7202a1>. Acesso em: 11 mar. 2024.

MELLO, A.G.(2016). Deficiência, incapacidade e Vulnerabilidade: do capacitismo ou a preeminência capacitista e biomédica do Comitê de Ética em Pesquisa da UFSC. Ciência & Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 21, n. 10, p. 3265-3276, 2016. Disponível em: <https://educadiversidade.unesp.br/guia-para-praticas-anticapacitistas-na-universidade/#O_que_e_Capacitismo>. Acesso em: 19 mar.2024

OPAS. Organização Pan-americana de Saúde. Folha informativa – Transtorno do Espectro Autista. Disponível em: <https:// www.paho.org/pt/topicos/transtorno-do-espectro-autista.>. Acesso em: 22 fev. 2024.

SÃO PAULO (Estado). Política de Educação Especial do Estado de São Paulo. Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, 2021. Disponível em: <https://www.educacao.sp.gov.br/wp-content/uploads/2021/09/PEE-SP DOCUMENTO-OFICIAL.pdf>. Acesso em: 23 fev. 2024.

REDAÇÃO AUTISMO E REALIDADE. Os símbolos do autismo. Autismo e Realidade, 2019. Disponível em: <https://autismoerealidade.org.br/2019/03/22/os-simbolos-do-autismo/>. Acesso em: 11 mar. 2024.

STEFANIDIS, Abraham,et al. A meta-syntesis of co-teaching students with and without disabilities. Educational ResearchReview, 38,100504, 2023. Disponível em: <www.elsevier.com/locate/edurev>. Acesso em: 23 fev.202